

Prêmio

Diário

contem

de Fotografia

porâneo



MOSTRA FOTOGRÁFICA

de 30 de março a 30 de abril · Museu da UFPa

TERÇA A SEXTA DAS 09:00 ÀS 17:00 - SÁBADO E DOMINGO 10:00 ÀS 14:00

ATIVIDADES EDUCACIONAIS

OFICINAS

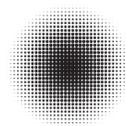
PALESTRAS

Belém 2010

Ficha Técnica	
<i>Jader Barbalho Filho</i> DIRETOR PRESIDENTE DO DIÁRIO DO PARÁ	
<i>Camilo Centeno</i> DIRETOR GERAL DA RBA	
<i>Francisco Melo</i> DIRETOR FINANCEIRO	
RBA - Marketing	
<i>Inaldo Silva</i> GERENTE DE MARKETING	
<i>Patrícia Dantas</i> SUPERVISORA DE MARKETING	
<i>Larissa Rabêlo</i> AUXILIAR DE MARKETING	
<i>Luanne Reis</i> REDATORA	
Projeto Prêmio Diário Contemporâneo De Fotografia	
<i>Mariano Klautau Filho</i> SUPERVISÃO E CURADORIA GERAL	
<i>Luis Laguna</i> COORDENADOR DE PRODUÇÃO	
<i>Irene Almeida</i> PRODUÇÃO	
<i>Jéssica Moreira</i> ASSISTENTE DE PRODUÇÃO	
<i>Andrea Kellermann</i> DESIGNER GRÁFICO	
<i>Amanda Aguiar</i> ASSESSORIA DE IMPRENSA, TEXTOS E ENTREVISTAS	
RBA - Tecnologia de Informática	
<i>Antonio Fonseca</i> GERENTE DE TI	
<i>Aldo Alves</i> GERENTE DE CONTEÚDO ONLINE	
<i>Leonidas Amorim</i> SUPERVISOR DE DESENVOLVIMENTO	
<i>Oscar Alencar</i> SUPERVISOR DE WEBDESIGN	
Museu da Universidade Federal do Pará	
<i>Jussara da Silveira Derenji</i> DIRETORA	
<i>Nilma das Graças Brasil de Oliveira</i> COORDENADORIA CULTURAL	
<i>Norma Sueli Monte de Assis</i> COORDENADORIA ADMINISTRATIVA	
<i>Raimundo Augusto Vianna</i> COORDENADORIA DE ACERVO E DOCUMENTAÇÃO	
<i>Manoel Lima Pacheco</i> TÉCNICO DE MONTAGEM	
<i>Paulo Souza</i> COORDENADOR AÇÃO SÓCIO-EDUCATIVA	
<i>Toky Popytek Coelho</i> BOLSISTA/UFGA-MONITORIA E ACAO EDUCATIVA	

Sumário

Coletivo Parênteses (SP)	4
Paulo Wagner	6
Octávio Cardoso	8
Cláudia Leão	10
Dirceu Maués	12
Eder Chiodetto	14
Miguel Chikaoka	16
Luiz Braga	18
Menções Honrosas	19
Artistas Selecionados	20
Artistas Selecionados	21
Artistas Selecionados	22
Artistas Selecionados	23
Museu da UFPA: Palacete Augusto Montenegro	24



Programação do Prêmio

Abertura da mostra	30 de março
Encerramento da mostra	30 de abril

PALESTRAS

Dia 11/3	Fotojornalismo Contemporâneo - Crise e Reinvenção com Eder Chiodetto
Dia 26/3	Das Imagens e dos Esquecimentos com Cláudia Leão
Dia 1/4	De Outeiro a Berlim com Dirceu Maués
Dia 7/4	O mundo como fisionomia. Retrato ou paisagem? com Patrick Pardini
Dia 8/4	Territórios da Fotografia Contemporânea com Mariano Klautau Filho

PROGRAMAÇÃO DE OFICINAS

26/03 - 03/04	Miguel Chikaoka, <i>Olhos Vendados</i>
08/4 - 10/04	Luiz Braga, <i>Margem da Cor</i>
31/03 - 03/04	Dirceu Maués, <i>Fotografia para Brincar de Fotografia</i>

Brasil Brasis

Pensar o Brasil em imagens fotográficas é pensar necessariamente em um país multifacetado. Nossas raízes culturais tecem uma trama intrincada de modos, atitudes, paisagens, estados de espírito e falas que se opõem e se complementam. À medida que contamos a nossa história, esta trama se adensa e se abre como um labirinto. Não temos definitivamente um único Brasil. Suas possibilidades de representação não podem mais limitar-se à ideia fantasiosa e exótica de um lugar belo e selvagem, sublime e miserável. Isto é muito pouco para o Brasil contemporâneo.

Atualmente, o país é parte dos problemas e soluções do mundo. O que faz dele uma solução é justamente esta trama de raças e modos diferentes de coexistência. O que faz do Brasil uma nação com identidade mundial é o fato dele ser um “Brasis”, um território que não contém uma só identidade. As identidades do Brasil transbordam seus limites, nos escapam para revelar suas diversas manifestações e conceitos sobre território e nação.

A ideia da identidade como “celebração móvel” pensada por Stuart Hall corresponde à condição brasileira atual. Não há mais uma identidade fixa e estável. A cultura é constituída de modo fragmentado e dinâmico e resulta em uma mistura mais rica e imprevisível.

Produzir e pensar a fotografia no tempo contemporâneo é também pensar em uma linguagem multifacetada. Aplicada ou não ao documento, a fotografia se expande em sua relação com o mundo desde suas origens. Seu modo diferente de jogar com a verdade, com o mundo concreto e as imaginações, instaura já no tempo das “câmeras obscuras”, uma experiência híbrida entre a realidade e a ficção. À medida que a fotografia vai se construindo na arte contemporânea, mais ela propõe provocações e participa do debate artístico deste século XXI. Atualmente a fotografia é antes de tudo uma experiência com a imagem e desde sempre se mostrou como veículo dinamizador de circulação de idéias, ações, experiências coletivas ou individuais, atitudes artísticas, culturais ou comerciais.

Para Anne Cauquelin a arte contemporânea marca uma linha divisória em relação ao período moderno quando começa a se constituir em uma rede de comunicação. A arte começa a se re-configurar como parte desta rede tecida pela tecnologia e pela circulação intensa de informação. Portanto, a onipresença da fotografia na cultura contemporânea é um indicador de sua especial importância nas discussões sobre a identidade da arte, assim como suas várias identidades constroem hoje um campo móvel e mais amplo.

O tema Brasil Brasis que inaugura este projeto, está afinado com este pensamento abrangente sobre cultura, identidade e fotografia. O Brasil pensado para este prêmio fotográfico é plural. Da paisagem panorâmica à experiência íntima com a identidade. Do país exuberante às complexidades de uma nação em desenvolvimento. Do documento cotidiano às ficções imprevisíveis. Das imagens mentais às visuais. Da fotografia à imagem. Da imagem à fotografia.

Mariano Klautau Filho
Curador do Projeto
Prêmio Diário Contemporâneo
de Fotografia

Diário do Pará lança Prêmio Diário Contemporâneo de Fotografia

“Sendo esse um só Brasil, é também uma constelação de brasis”. Gilberto Freyre estava certo. Nos 1960, o sociólogo, antropólogo, escritor e pintor pernambucano lançou luzes ao que tantos poetas cantariam durante todos os tempos, em todas as épocas: a diversidade brasileira, a pluralidade de culturas que dividem o território deste que é o quinto país mais populoso do mundo. Inspirado nessa multiplicidade de identidades, a RBA lança o Prêmio Diário Contemporâneo de Fotografia, um projeto aberto a todos os artistas brasileiros ou residentes no país. A ideia é mostrar, através do olhar fotográfico, toda a pluralidade brasileira, seja no seu aspecto cultural, político ou estético. “Falar do Brasil a partir de sua diversidade também é uma oportunidade de estreitar o projeto tratando a fotografia a partir de sua diversidade poética, que é o seu status hoje na arte contemporânea.”, explica Mariano Klautau Filho, fotógrafo e curador do projeto. Se a fotografia feita em território paraense já alcançou reconhecimento nacional e internacional por críticos e curadores da fotografia contemporânea, porque Belém não possuía até então um projeto permanente voltado para esta linguagem artística? Segundo Mariano, a

iniciativa também quer preencher esta lacuna, que há muito intriga quem faz e quem aprecia a fotografia feita aqui. “Belém é conhecida no Brasil pela produção de qualidade e quantidade, mas ainda não existia um projeto de porte somente voltado à fotografia. Com o prêmio lançamos um fato inédito: manter um projeto que reúne mostra, prêmio, atividades de educação e publicação de livro dedicado especialmente à fotografia, em uma cidade que é referência no Brasil”, destaca o curador.

RECONHECIMENTO

Sob o tema Brasil Brasis, o prêmio é destinado à fotografia contemporânea em todas as suas possibilidades: estilo, linguagem, suporte e poética – uma maneira de potencializar o conhecimento e o estímulo à produção. “A fotografia aqui está em constante expansão. O Brasil nos enxerga com interesse pela qualidade contemporânea, a diversidade e a capacidade de um trabalho coletivo. Isto também tem muito a ver com a presença histórica da Fotoativa”, ressalta Mariano, que também compõe a comissão de seleção ao lado da fotógrafa e pesquisadora paraense Cláudia Leão e do fotógrafo paulistano e

curador independente Eder Chiodetto. O projeto – de caráter nacional - é voltado a todos os artistas brasileiros ou residentes no país, profissionais ou amadores. São três prêmios no valor de R\$ 10 mil reais cada: “Prêmio Brasil Brasis”, “Prêmio Diário Contemporâneo” e “Prêmio Diário do Pará”, sendo este último dedicado somente a artistas paraenses. “Os fotógrafos paraenses merecem. Trabalham muito, produzem com paixão, sem quase nenhum apoio substancial e permanente das instituições culturais do Estado. E mesmo assim estão circulando em São Paulo, Veneza, Cidade do México, Berlim, Montevidéu, Rio de Janeiro, Tóquio, Valencia, Quito, Porto Alegre...”, enumera. Além da premiação, a programação também inclui mostra no Museu da Universidade Federal do Pará, com os trabalhos dos artistas selecionados e dos fotógrafos Dirceu Maués e Cláudia Leão - convidados pela curadoria -, além de ciclo de palestras, encontros com artistas, oficinas e atividades de arte-educação.

COMISSÃO DE SELEÇÃO

Cláudia Leão, fotógrafa, pesquisadora e professora em artes, é mestre em Comunicação e Semiótica pela

PUC-SP. Artista convidada do Prêmio Diário Contemporâneo de Fotografia, ela também apresenta em Belém as séries ‘O Rosto e Os Outros’ e ‘Protocolo das imagens cotidianas’, esta última exposta em Quito no Equador e ainda inédita em Belém.

Eder Chiodetto é mestre em Comunicação e Artes pela USP, jornalista, fotógrafo, curador independente e crítico de fotografia do jornal Folha de S.Paulo. Ele é autor do livro ‘O Lugar do Escritor’ (Cosac Naify), um dos vencedores do Prêmio Jabuti 2004.

Mariano Klautau Filho, curador geral do projeto, é fotógrafo, pesquisador e consultor da Fotoativa. Mestre em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP e professor da Unama. Participa de diversas exposições no Brasil e exterior, como “Finisterra_Carta Aérea” – Wiesbaden – Alemanha (2008), “1 Bial del Fin Del Mundo” - Ushuaia – Argentina (2007), “Desidentidad” -Valência – Espanha (2006), “Veracidade” – São Paulo (2006), “Equatorial” – Cidade do México (2009), “Realidades Imprecisas” – São Paulo (2009) “Finisterra” – Montevidéu (2009).



Haroldo Saboia (CE) Série O Obscuro Cintila



Pedro Motta (MG) · Água pesada-tempo impresso

Brasis que saltam da tela

Série 'Confluências', do coletivo Parênteses (SP), venceu o Prêmio Diário Contemporâneo

Artista Premiado

Em cômodos ora bagunçados, ora simetricamente organizados, uma sequência de aparelhos de tevê dialoga entre si sintonizando imagens de diferentes Brasis. A série 'Confluências', que deu ao coletivo Parênteses, de São Paulo, o prêmio da categoria 'Diário Contemporâneo', do Prêmio Diário Contemporâneo de Fotografia, parece querer chamar atenção para as múltiplas realidades que, em suas diferenças, coexistem lado a lado.

Dispostas em duplas, as seis imagens que compõem o ensaio conjugam o ambiente íntimo de uma casa à imagem do Brasil que ganha a tela e fala diariamente a centenas de pessoas. "A ideia é mesmo gerar uma reflexão sobre o cotidiano do país. Criamos a série no início do ano e foi um processo que aconteceu de forma muito natural, mas também muito intensa. Não estávamos preocupados com uma documentação fotográfica", conta Vicente Martos, que integra o grupo ao lado de Rodrigo Antonio e Paloma Klein.

Para o curador geral do prêmio, Mariano Klautau Filho, o trabalho chama atenção justamente por subverter o

caráter documental da fotografia a partir de um procedimento que é documental na essência. "Foi criada aqui uma nova sintaxe. O trabalho fala de um Brasil intimista, doméstico, já que a construção conceitual de elementos mostra o interior das casas; e ao mesmo tempo, fala do Brasil que aparece dentro da TV, de natureza forte, mas de questões sociais trágicas", aponta ele, que também integrou a comissão de seleção do prêmio ao lado dos fotógrafos Eder Chiodetto e Claudia Leão.

O coletivo Parênteses, formado em 2009, aposta na abordagem de questões da atualidade através de múltiplas plataformas, desenvolvendo pesquisas em linguagens como video-arte, instalação e performance. "Já eramos amigos antes da formação do grupo, e em determinado momento de nossos trabalhos individuais – já que Paloma e Rodrigo tem formação acadêmica em fotografia e eu trabalho a performance-arte – percebemos opiniões comuns em relação a diversas características que permeiam o lugar onde vivemos. Desde o início nossos processos de criação partiram de experiências e relações do cotidiano", conta Vicente.

Para Eder Chiodetto, a formação de coletivos é uma das marcas da nova geração de fotógrafos brasileiros. "Esta reunião em grupos é uma forte característica do pessoal que está começando, além de uma certa atitude iconoclasta. Não existem mais pudores com a linguagem fotográfica e nem compromisso com o realismo, mas sim um jeito meio antropofágico de criar", avalia. Para o grupo paulistano, a organização em grupos de artistas é resultado da necessidade de utilizar novas tecnologias em processos híbridos de criação.

"Os artistas dependem cada vez mais da união de várias áreas de conhecimento, talvez por isso os trabalhos estejam sendo construídos coletivamente. Em nosso caso, o coletivo também se tornou um espaço de troca,

tanto de experiências como de conceitos, já que somos três pessoas que têm diferentes relações com o mesmo espaço: a cidade", diz Vicente. "Acreditamos que trabalhar desta forma é também uma estratégia para somar essas experiências, criando assim múltiplas abordagens para o nosso território", completa.

“ “Nossos processos de criação partiram de experiências e relações do cotidiano” – Vicente Martos – Coletivo Parênteses ”



Coletivo Parênteses

Formado durante o segundo semestre de 2009 por Paloma Klein, Rodrigo Antonio e Vicente Martos, com o intuito de trabalhar questões da atualidade através de múltiplas plataformas. Paloma e Rodrigo tem formação acadêmica em fotografia e Vicente em performance-arte. O coletivo, além da fotografia, desenvolve pesquisas em linguagens artísticas contemporâneas como video-arte, instalação e performance."

Vicente Martos (Guarulhos, SP, 1985) Formado em Comunicação e Artes do Corpo pela PUC-SP. cursou teatro no Teatro Escola Macunaíma. Participou de diversos salões acadêmicos, ganhou o prêmio de melhor trabalho na área de artes no salão da PUC-SP. Participou de montagens teatrais e do projeto RODA – Mostra de Artes Visuais que pensam o corpo no Espaço GAG – Grupo de Arte Global.

Rodrigo Antonio (São Paulo, SP, 1983). Formado em fotografia pelo SENAC. Participou das exposições "Fragmentos Urbanos" na passagem subterrânea da Consolação (São Paulo); "Lá e Cá 2" na Galeria SENAC (São Paulo), Instituto Português de Fotografia (Porto/Lisboa), Instituto Camões (Brasília) entre outras.

Paloma Klein (São Paulo, SP, 1986) Pesquisadora em arte, fotógrafa e bacharel em fotografia pelo SENAC. Desenvolve atividades como assistente de curadoria de Paulo Klein. Participou da exposições coletivas "Fotograffiti" e "CatarataNow" em São Paulo.



Confluências (fotografia)



Entre a fotografia e a pintura, a cidade do artista

Paulo Wagner (PA) é o vencedor do Prêmio Diário do Pará

Artista Premiado

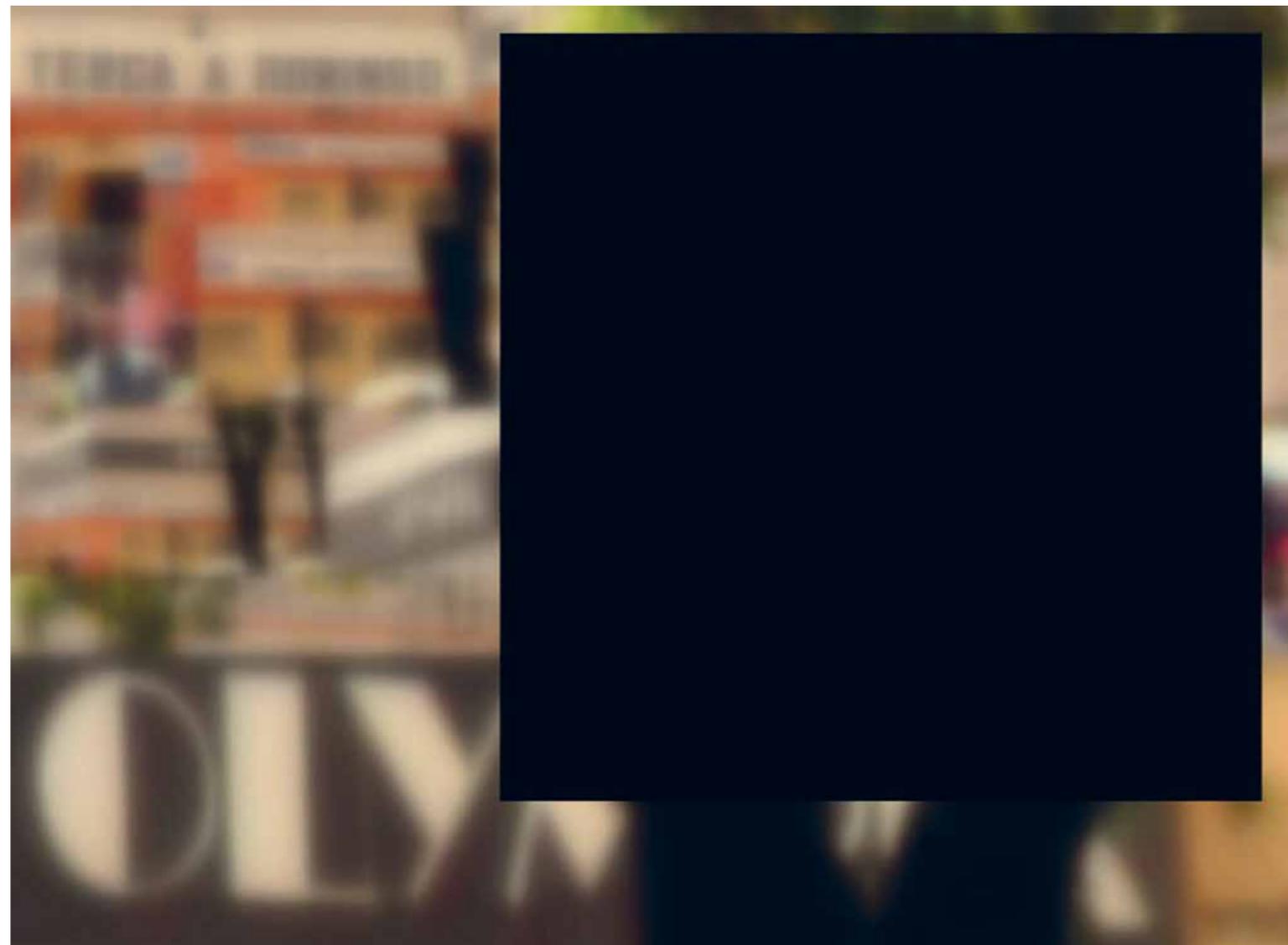
Preto Olympia, Azul Praça, Verde Barraca, Azul Amazônia, Cinza Avenida. Cada uma das cinco imagens criadas pelo artista visual Paulo Wagner tem um nome bem curioso. É como se estivéssemos diante de uma paleta de cores e seus respectivos nomes. No ensaio, vencedor do Prêmio Diário Contemporâneo de Fotografia na categoria Diário do Pará, imagens desfocadas revelam cenários urbanos conhecidos sob a intervenção de formas geométricas opacas. Os olhos do observador repousam à procura de significados entre a imagem “pintada” e a imagem “colada” digitalmente.

Paulo Wagner, que já vem de uma trajetória premiada na pintura, incursiona pela primeira vez pelo universo da fotografia. E não há como não perceber esse diálogo

entre as duas linguagens. “Foi uma grande experimentação. Suavizei as imagens para aproximá-las das pinceladas características da pintura impressionista, enquanto que as formas geométricas são uma tentativa de dialogar com o abstracionismo típico do construtivismo”, diz. Segundo ele, a inspiração para compor a série veio durante um passeio na avenida Presidente Vargas.

“Quis registrar o ritmo frenético do lugar. Gente que, empurrando carrinhos ou pedalando, transita entre barracas, bicicletas e pedestres, cada um com seu movimento e característica. A ideia era captar o ritmo, a essência da cidade”, conta ele, que é natural do Rio de Janeiro e reside em Belém há dez anos.

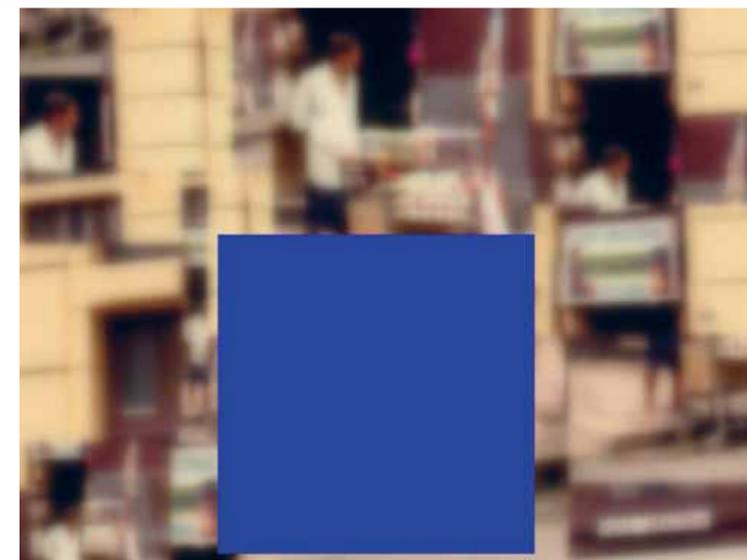
“A ideia da série é captar o ritmo, a essência da cidade” – Paulo Wagner

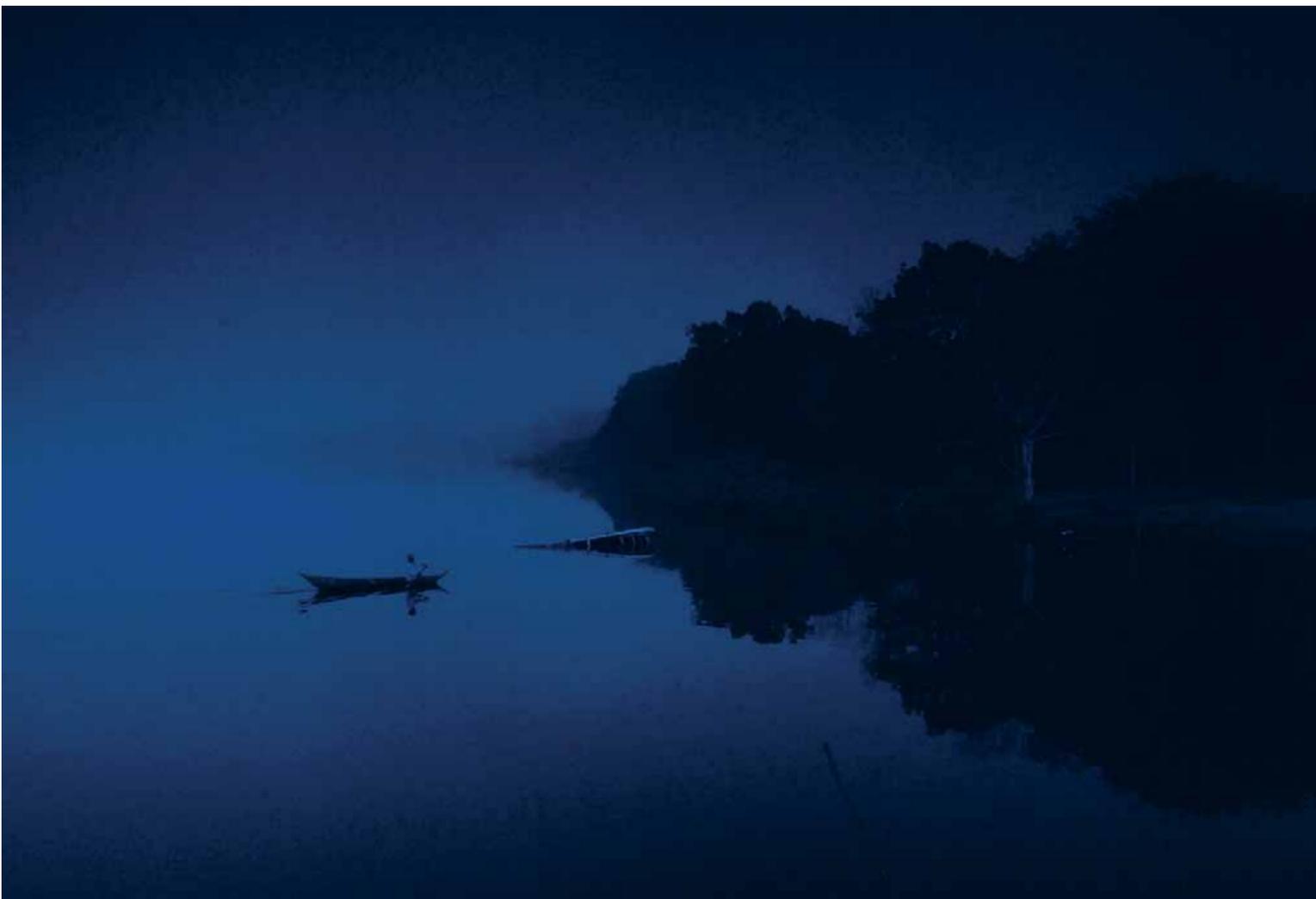


PAULO WAGNER OLIVEIRA (Rio de Janeiro)

Nasceu em 1981. Vive e trabalha em Belém desde 2000. Graduando em Artes Visuais pela Universidade Federal do Pará – UFPA onde desenvolve pesquisa com pintura, escultura e desenho. Participou das mostras “Primeiros Passos – CCBEU” em 2008, “IV Seminário de Educação Estética” em 2009 mesmo ano que obteve Prêmio Aquisição no “Salão Arte Pará”. Em 2010 expõe individual “Exteriorizando Conflitos – Esculturas” na Galeria Cezar Leite da UFPA

Azul Amazônia, Azul Praça, Cinza Avenida, Preto Olympia, Verde Barraca
Fotografia digital





Onde a imaginação encontra a arte

Série 'Lugares Imaginários' dá a Octávio Cardoso (PA) o prêmio Brasil Brasis

Artista Premiado

“O dia-a-dia foi me levando para a cor”, conta o fotógrafo Octávio Cardoso, que nunca escondeu a predileção pelos tons de cinza. Pelo contrário: foi no P&B que ele

construiu uma celebrada trajetória que já soma mais de duas décadas dedicadas à fotografia. Mas eis, que, passados longos anos, o artista mergulha pela primeira vez no universo das cores em sua produção autoral e emerge tomado por um azul quase infinito.

A série 'Lugares Imaginários', composta

por três fotos, deu a Octávio o Prêmio Diário Contemporâneo de Fotografia na categoria Brasil Brasis. “Nunca havia usado a cor no meu trabalho pessoal. O colorido diz muito, revela muito, é real demais. Eu nunca busquei isso. Já o P&B possibilita um tom mais subjetivo, menos documental à imagem”, explica o artista. O trabalho, resultado da Bolsa de Experimentação e Criação Artística concedida em 2009 pelo Instituto de Artes do Pará (IAP), nasceu de uma viagem pelos municípios de Santarém, São Geraldo do Araguaia e pela Ilha do Marajó.

“Eu preciso estar desligado da rotina para criar, não posso estar preocupado com problemas como contas a pagar, por exemplo (risos). Eu não consigo imaginar a foto antes de fazê-la e isso não é uma

questão de concentração, mas de predisposição para que a fotografia aconteça. Por isso é que os meus trabalhos são, em sua maioria, fotografias de viagem. Se não existir uma sintonia com o ambiente, uma tranquilidade, não adianta”, conta.

E é exatamente isso: sintonia. Diante do conjunto de fotografias, a sensação é de que somos lentamente absorvidos pela paisagem anil. “Minhas imagens têm um certo silêncio. A solidão e os espaços vazios mostram cada vez mais a direção do meu trabalho, é como se o homem estivesse perdido nessa paisagem, nesse lugar que não existe”, ele diz.

Para Mariano Klautau Filho, curador geral do Prêmio Diário Contemporâneo de Fotografia, o impacto pictórico da série

foi o que mais chamou a atenção da comissão de seleção. “O artista integra um grupo seletivo de fotógrafos que conseguem aliar sensibilidade e conhecimento técnico apurado”, avalia o curador. “Octávio cria aqui um mundo onírico, uma Amazônia inusitada, distante do padrão exótico que se costuma ver. São imagens de uma beleza realmente impressionante, a partir de cores construídas. Entramos com ele em outro universo, em uma viagem particular dentro desse ambiente”, finaliza. O Prêmio Brasil Brasis destinou-se especialmente aos trabalhos de abordagem documental voltada ao cotidiano ou originários de um projeto autoral de documentação.

“Minhas imagens têm um certo silêncio... é como se o homem estivesse perdido nessa paisagem, nesse lugar que não existe.”

Octávio Cardoso (Belém PA)

Nasceu em Belém em 1963. Vive e trabalha em Belém. Fotógrafo desde 1984, trabalha com projetos na “Associação Fotoativa”. Tem atuado em fotojornalismo, fotografia de estúdio e desenvolve projetos de documentação, arquitetura e publicidade. Participou das exposições “Panorama da Fotografia Contemporânea Brasileira” - SESC - São Paulo/ 1993; “Il Fotonorte - Amazônia o olhar sem fronteiras” - Belém, Quito, Berlin - Alemanha / 1999; “Brasílianas: Fotógrafos de Belém do Pará”, Centro Português de Fotografia, Porto/ Portugal; “Une Certaine Amazonie” - Seine-Saint-Denis, França/2005 e “Fotoativa Pará - cartografias Contemporâneas” nos Sesc - Pompéia em São Paulo em 2009. “Lugares Imaginários”, seu trabalho premiado no Diário Contemporâneo de Fotografia é resultado de Bolsa de Pesquisa do “Instituto de Artes do Pará” em Belém.



Série: Lugares Imaginários (fotografia digital)



Das imagens e dos esquecimentos

A fotógrafa e pesquisadora Cláudia Leão conversa com o público sobre fotografia e memória

Como as pessoas se relacionam com suas memórias? Já há alguns anos a jornalista, fotógrafa e pesquisadora paraense Cláudia Leão procura esta resposta - ora em gavetas esquecidas, armários e álbuns guardados com afeto e naftalina, ora em pastas virtuais ou CDs abandonados em laboratórios de fotografia. “Hoje, ao que parece, estamos dotando a câmera fotográfica como guardador de nossas lembranças”, diz.

Cláudia, que atualmente reside em São Paulo, é artista convidada do Prêmio Diário Contemporâneo de Fotografia e ministra a palestra “Das Imagens e dos Esquecimentos” no Museu da UFPA. Ela também participa da grande mostra que será aberta no próximo dia 30 com os trabalhos premiados e selecionados pelo concurso.

Inquieta, ela se expressa em gestos amplos, no olho no olho, no pensamento veloz que por vezes atropela a fala. “Eu sou meio caótica, mesmo”, avisa. Confira a seguir o bate-papo com a artista:

Fotografia, imagens, esquecimentos. Como será a palestra desta quinta?

Falarei um pouco sobre o percurso do meu trabalho pessoal, fazendo uma relação com a pesquisa que desenvolvi no mestrado em Comunicação e Semiótica pela PUC, chamada ‘Imagens suspensas’ – quando mergulhei em um asilo de mulheres em São Paulo para estudar sua relação com as fotografias de família - e a pesquisa que estou desenvolvendo no doutorado [também em Comunicação e Semiótica pela PUC], intitulada ‘Os nossos excessos e nossos esquecimentos’, que estuda a necessidade excessiva do registro na era digital.

No caso da pesquisa ‘Imagens suspensas’, como foi a experiência nesse asilo?

Quando iniciei esta pesquisa, em 2002, o meu objeto era a fotografia conjugada à saudade. Verificar os níveis de perda que a saudade poderia provocar e que somente uma fotografia poderia trazer e acalentar a dor da



Nenhuma mulher carrega no meio de suas coisinhas qualquer retrato, nenhuma imagem. Suas fotografias são deixadas para trás, estão em algum lugar disperso. O corpo é que acabando sendo o suporte dessas lembranças. Passei a conduzir o trabalho por meio das imagens das lembranças e, assim, poder penetrar nas imagens ausentes. A essa categoria de imagens chamei de imagens suspensas.

E a pesquisa para o doutorado?

No doutorado é o caminho inverso. Estudo como o surgimento da imagem digital interferiu na forma como nós capturamos imagens, mudou o gesto de fotografar, a pose, o tempo de ver e de escolher, o que olhar, o que manter, o que apagar. A relação com a imagem se tornou um pouco superficial, fugidia. Qual o sentido dado a tantas imagens? Pra que servem? Qual a necessidade

excessiva do registro? Existe hoje uma espécie de desapego e ao mesmo tempo uma obsessão. Hoje há pessoas que vão a um show e passam mais tempo assistindo-o pelo visor da câmera, em imagens capturadas. Ao que parece, estamos dotando o aparelho como guardador de nossas memórias.

Vamos voltar ao início. Como foi o seu começo na fotografia?

“ O excesso de imagens congestiona o ambiente e a nossa capacidade de lembrar. O excesso é loucura. ”

Então, eu era bailarina. Passei no curso de jornalismo na UFPA, tranquei, viajei para São Paulo pra fazer um curso de dança e quando voltei, fiz um curso de fotografia. Tudo começou na Fotoativa, onde eu trabalhava como laboratorista, o que foi fundamental para o meu trabalho de interferência na imagem fotográfica. Eu sabia como queria os químicos, temperatura, tipos de luz e papel, e com isso ia descobrindo as possibilidades dessa outra fotografia. Eu tinha 19 anos. Hoje vejo que a fotografia é o lugar onde estão os meus amigos, é o território onde me sinto à vontade.

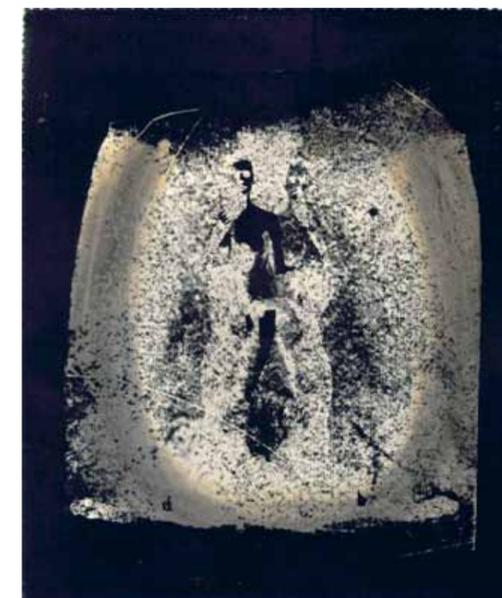
Você desenvolveu uma poética que conjuga a manipulação de imagens em espelhos, vidros e diferentes superfícies.

Como isso surgiu?

Eu gostava e gosto muito de experimentar, ver a suspensão de prata sobre o químico, o metal sobre o papel fotográfico, gosto de retomar a mesma imagem em tempos outros, em outros suportes – mais do que produzir novas imagens. Algumas imagens tem a natureza da espera. Retomá-las em outra situação é muito bom. Adoro espelhos, especialmente os velhos, oxidados, adoro a fragilidade e cuidado que temos que ter ao manusear o vidro. Penso que as imagens são aquilo que de alguma maneira queremos.

A Cláudia Leão é jornalista, fotógrafa ou pesquisadora? Ou é tudo isso ao mesmo tempo?

Acho que as coisas se misturam, não acredito que estejam separadas. Fiz outras coisas durante a minha vida sou também um pouco delas, mas nunca me senti jornalista. Por outro lado foi fundamental a minha formação para estar onde estou, pois me deu a possibilidade de poder refletir, dialogar, já que encontrei no espaço acadêmico um lugar para o que eu pesquiso e penso. Pensar a imagem me move mais do que o ato de fotografar. Estar diante de um álbum, ver um filme, escutar histórias, por exemplo, me deixam imensamente feliz (risos). Não tenho loucura por fotografar, nunca tive, eu tenho uma câmera digital que quase não uso, um celular com uma câmera bacana, mas que também uso pouco. Nem tudo me motiva a fotografar. Eu sou fotógrafa. Vivo a fotografia, mas de outra maneira. Não saio com



uma câmera em punho no intuito de fazer uma foto. As coisas vão acontecendo, no tempo delas.

Como será a sua participação na Mostra Prêmio Diário Contemporâneo de Fotografia?

São duas séries: uma faz parte da minha primeira exposição individual: ‘O rosto e os outros’. As coisas mudam (que bom!) estas janelas serão mostradas de maneira outra, inclusive porque o tempo e a nossa umidade é implacável e elas estão com as marcas do tempo. A outra é parte da minha última individual que aconteceu em Quito. Anda de uma série mais antigas, são imagens inéditas encapsuladas em vidro, um fotograma e dois retratos.

A pergunta que move o seu trabalho no momento é ‘porque tantas fotografias?’. Você já encontrou essa resposta?

[pensativa] Não tenho ainda uma resposta. Tenho alguns caminhos que eu tenho seguido Sabemos que a capacidade humana de lembrar é menor que a de esquecer. Esquecemos tudo com muito mais facilidade, então precisamos dos extensores da memória, que podem ser as imagens, as fotografias. Só que o excesso de imagens congestiona o ambiente e a nossa capacidade de lembrar, a memória longa opera vinculada a emoção, já a memória de curta duração (quando excessiva) opera próximo à esquizofrenia, em função da sobreposição, falta de sentido e ordem das imagens. O excesso é interessante para a indústria, não para nós. Imagina... é como comer muito, trabalhar muito, comprar muito... Fotografar, fotografar, fotografar. O que se quer com essas imagens?

A poética da simplicidade

Dirceu Maués ministra a oficina 'Fotografia para brincar de fotografia' dentro da programação do Prêmio

Câmeras construídas em latas e caixinhas de fósforos, vídeos feitos com celular. A experimentação sempre mostrou-se constante na trajetória do fotógrafo paraense Dirceu Maués. Artista convidado do Prêmio Diário Contemporâneo de Fotografia, ele participa de mostra e ministra a oficina 'Fotografia para brincar de fotografia', explorando aquilo que, com o tempo, se tornou a grande marca do seu trabalho: a poética da simplicidade. Confira a seguir um bate-papo com o artista.

Uma video-instalação com seis vídeos, criados a partir da animação de 3.300 fotografias com 120 câmeras pinhole. Como foi a experiência da bolsa de residência em artes na Alemanha? Fale um pouco sobre o trabalho (de fôlego) desenvolvido lá.

Meu processo acaba sendo muito trabalhoso e cansativo mesmo. Nos dois últimos trabalhos, em Outeiro e Alexanderplatz [Alemanha], precisei da ajuda de outros artistas, principalmente durante a tomada das fotografias. Precisei fotografar sequencialmente e ao mesmo tempo de seis vistas diferentes para ter uma grande vista em 360°. Impossível fazer sozinho. Então nos dois trabalhos precisei da ajuda de outros artistas: em Berlim, de um grupo de artistas portugueses, o coletivo 'O Piso'; e em Belém (Outeiro) de alguns amigos envolvidos com fotografia - Michel Pinho, Fábio Hasegawa, Luciana Magno, Bruno Assis, Daniel Cruz, Ionaldo Filho e Veronique Isabelle. Em Belém, além de ajudarem com a tomada das fotos, meus amigos participaram do processo de construção das câmeras e finalização dos vídeos. Em Berlim, usei parte das câmeras

construídas em Belém. E precisei fazer sozinho o escaneamento e montagem final dos vídeos. Então nesses dois trabalhos meu processo acaba se coletivizando, o que é muito bom pra concepção que tenho e pro que me atrai nesse trabalho com fotografia pinhole. Tive a oportunidade de fazer uma exposição, espaço, estrutura e tempo para pensar e realizar meu trabalho autoral. Mas, muito mais que isso, tive a oportunidade de conhecer outra cultura e sua produção artística contemporânea. Vi muita coisa. Tive contato com artistas de vários lugares do mundo. Conheci seus processos de criação. Fui a muitas exposições de arte contemporânea e a muitos museus, não só em Berlim, mas em outros lugares da Europa. Por tudo isso, foi uma experiência riquíssima.

Enquanto assistimos ao surgimento de câmeras e aparatos cada vez mais modernos, você parece não dar muita importância para a tecnologia quando o assunto é o fazer fotográfico. Por que?

Eu me interesso pela potência poética dos acidentes, acasos e "erros" que ocorrem no processo artístico. Não me interessa a precisão, a alta definição da imagem e todas essas coisas que são vendidas pelo mercado da fotografia como necessário para se fazer uma "boa" foto. Gosto de explorar justamente o outro lado: uma certa subversão do meio.

Como foi que despertou a sua curiosidade pelos métodos mais artesanais na fotografia?

Durante as oficinas ministradas na Fundação Curro Velho. Foi um grande laboratório pra mim. Tudo o que eu achava que era possível fazer, incentivava os participantes a construir. Aprendi muito durante essas oficinas observando as experiências dos alunos e aproveitando para experimentar coisas junto com eles também.

E como é o processo de finalização desse material? É aí que a tecnologia entra em cena?

Sim, mas na verdade não domino muito essa tecnologia, às vezes utilizo programas simples. Normalmente preciso apenas animar as fotografias, não é tão complicado. A base de meu trabalho é a baixa tecnologia, mas sempre preciso usar uma tecnologia mais sofisticada para finalização. O que há é a adição de uma nova linguagem e de novas possibilidades para utilizarmos em nosso processo de criação. Tenho utilizado câmeras simples de fotografias (saboneteiras digitais) e celulares para fazer vídeos. Esses aparelhos, apesar da tecnologia embutida neles, são muito simples perto das câmeras de vídeo e fotografia com tecnologia de ponta. Gosto de "brincar" com suas "precariedades", subverter seus programas e funções para chegar ao resultado que me interessa. Mas tenho feito algumas experiências que voltam ao suporte do papel fotográfico. São



quimiogramas: desenho com químico sobre papel fotográfico. Fiz uma série de retratos utilizando essa técnica que também me atrai pela falta de controle sobre o resultado que se obtém no final.

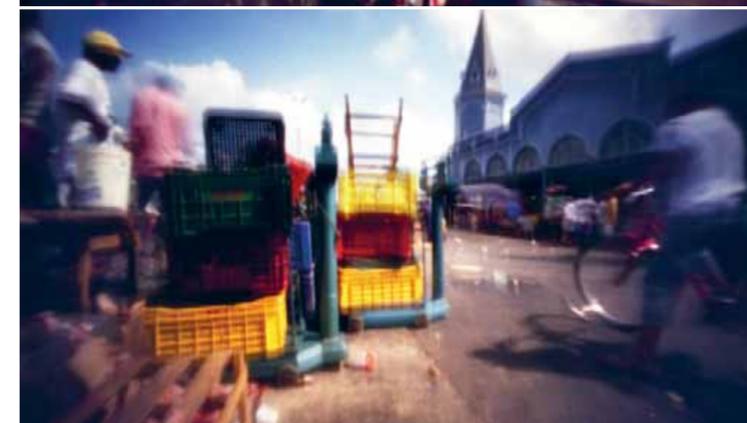
Fotógrafo convidado do Prêmio Diário Contemporâneo de Fotografia, você ministra a oficina 'Fotografia para brincar de fotografia' de 31/3 a 3/4. Como será a dinâmica dessa "brincadeira"?

Será a dinâmica da experimentação. Quando comecei a fotografar, aprendi a obedecer certas regras e passos para se obter uma boa revelação e uma boa cópia no laboratório. Nesta oficina, não teremos regras para experimentação, tudo será permitido.

“ Eu me interesso pela potência poética dos acidentes, acasos e “erros” que ocorrem no processo artístico ”

Você foi repórter fotográfico do Diário do Pará. Sente falta da rotina apressada das redações?

Trabalhei no Diário durante quase três anos, foi minha primeira experiência como repórter fotográfico. Foi um grande aprendizado pra mim. Depois de um ano



longe das redações, confesso que começo a sentir falta da "rotina" de viver os bastidores da vida. Essa é a grande experiência que tive como repórter fotográfico.

Na sua opinião, como a fotografia feita no Pará é vista hoje além das fronteiras brasileiras?

A fotografia paraense é respeitada no grande centro do Brasil. Lá fora, é difícil dizer... lá fora somos brasileiros. Na Europa, conversando com outros artistas, sempre que dizia que era brasileiro me perguntavam se era de São Paulo ou Rio de Janeiro. É a referência que eles têm do Brasil ali. Daí, começávamos um papo sobre a diversidade cultural brasileira. Então eu começava a falar de Belém e sua riqueza cultural.

Há quanto tempo você reside em Brasília? Como foi deixar Belém – uma cidade tão colorida e cheia de cheiros – e se fixar num lugar que é praticamente o oposto disso? Isto influenciou/ tem influenciado seu processo criativo?

Passei seis meses em Brasília antes de ir pra Berlim e agora estou de volta. Há uma certa tranquilidade e organização em Brasília que me ajuda a pensar mais sobre meu processo e como voltei a estudar Artes recentemente, isso é muito bom. Por outro lado, essa distância de Belém me ajuda a ver melhor minha cidade quando volto praí. Estou longe, mas meu trabalho sempre terá uma conexão com minhas raízes.

Contadores de histórias

Eder Chiodetto fala sobre os rumos do fotojornalismo e possíveis caminhos para fugir da crise

“O repórter-fotográfico acomodado que espera ser pautado por alguém dentro da redação está fadado a desaparecer”. A previsão pode até soar um tanto apocalíptica, mas Eder Chiodetto garante que no futuro só sobreviverão aqueles que tiverem “histórias próprias para contar”, face à atual velocidade na troca de informações.

Jornalista, curador independente e crítico de fotografia do jornal Folha de S.Paulo, Eder abre a programação do Prêmio Diário Contemporâneo de Fotografia com a palestra ‘Fotojornalismo Contemporâneo: crise e Reinvenção’ no Museu do UFPA, com entrada franca.

Em entrevista por email, ele – que também compõe a comissão de seleção do prêmio, fala sobre os rumos do fotojornalismo em um mundo dominado por Flickr, Photoshop e celulares com câmera, elogia a diversidade da produção dos fotógrafos de Belém e arrisca dizer que não existe crítica fotográfica no Brasil. “Quem banca um crítico sério e isento? Quem paga por ele? Quem está disposto a um diálogo franco?”, desafia. Confira a seguir um bate-papo com o artista.

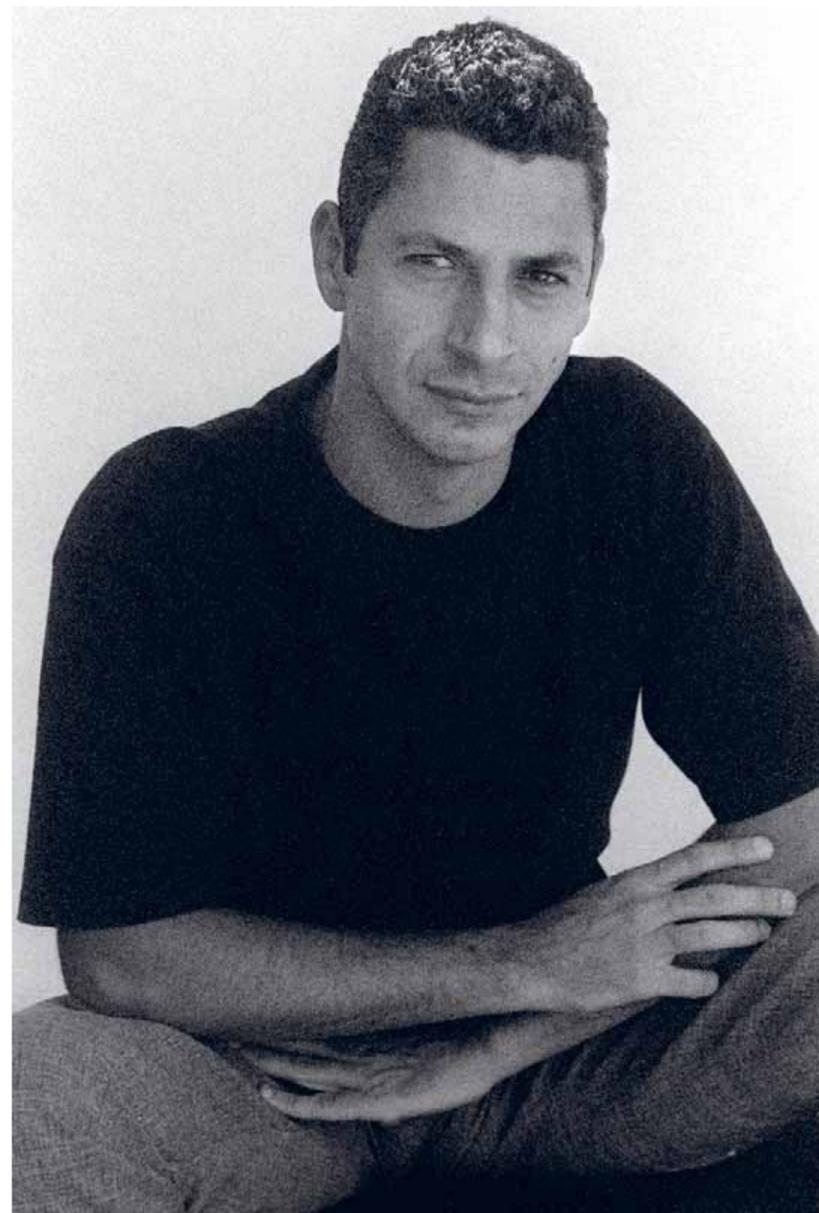
Qual você avalia o fotojornalismo feito hoje no Brasil?

Os jornais impressos ainda não se readequaram ao novo momento que estamos vivendo de velocidade de troca de informações. E essa crise está longe de se resolver. Muito do que vemos no jornal impresso hoje já havíamos lido no dia anterior na internet. No mais, os amadores fotografam tudo o que acontece de interessante nas ruas. O repórter-fotográfico acomodado que espera ser pautado por alguém dentro da redação está fadado a desaparecer, porque de fato ele está perdendo a função. Acredito numa imprensa diária com textos e fotos que tratem de forma mais analítica a nossa história diária, que aposte em reportagens que não sejam apenas o relato cartorial do dia-a-dia. Existe um frescor e uma vontade de fazer diferente em alguns blogs que é muito estimulante. Há vida inteligente nos blogs cada

vez mais e nas redações cada vez menos.

E como tem que ser o repórter fotográfico desses novos tempos?

Olha, nesse aspecto eu acho a crise ótima, ela nos obriga a repensar modelos. O repórter fotográfico de hoje tem que ter uma preparação e uma cultura diferenciada dos profissionais de gerações anteriores para ter uma produção que supere em qualidade essa produção maciça dos amadores. No mercado só vai sobreviver aquele que tiver histórias próprias para contar, originalidade de abordagem, senso estético e ético apurados. Contar histórias em profundidade, buscar novos meios de propagação, isso é ótimo. Chega de ficar correndo pela rua feito um desesperado para fotografar o incêndio que o taxista, o açougueiro, o advogado e a dona de casa vão fotografar num melhor momento que o profissional da redação que estará inevitavelmente sempre atrasado. Vamos usar essa energia para pesquisar histórias que amadores não têm como contar. Não vejo nisto tudo a morte de nada, mas a possibilidade do nascimento de algo muito interessante. Minha palestra será um pouco nesta direção.



Flickr, Photoshop, celular com câmera... hoje todo mundo é fotógrafo. Como se destacar entre tantas pessoas com uma câmera na mão?

Vivemos um momento de produção maciça de imagens técnicas. Quanto mais se produz, parece que mais cego vamos ficando para esses conteúdos. Produzimos imagens em grande escala, porém o pensamento, a reflexão sobre essa produção tende a zero. Prêmios como esse, realizados por pessoas gabaritadas que estão dando um formato interessante é uma das formas importantes de conseguir elevar o nível da discussão e da produção. Estou curioso para ver o resultado.

“ Para mim Belém é uma fonte de pesquisa sempre muito fecunda além de um lugar imaginário de muito afeto. ”

Qual a importância dos cursos de formação para um fotógrafo? Você mesmo começou com um curso do Araquém Alcântara, não foi?

Uma das primeiras aulas de fotografia que tive com Araquém Alcântara: os alunos chegaram para a aula. Ele mandou todos deitarem no chão e apagou a luz. Com

tudo escuro ele colocou uma música. Pediu para que todos fechassem os olhos e imaginassem. ‘Isso é fotografia’, nos disse. Para mim, na época um garoto sedento por câmeras e grandes imagens, foi um choque. Fotografar era imaginar, dizia o mestre. Acho que nunca mais voltei daquela sala escura. Conto essa história para mostrar como pode ser determinante o contato com uma pessoa experiente. Vejo as grades de cursos de fotografia nas mais diversas instituições e me assusto com o fato de quase a totalidade tratar apenas de técnica. Precisamos menos saber como manejar máquinas e mais a como narrar de forma sensível e subjetiva nossas histórias. Acho que podemos formar melhor um fotógrafo a partir de uma faculdade de letras, por exemplo, do que em cursos técnicos.

Existe crítica fotográfica no Brasil? Qual a sua opinião sobre isso?

Não existe! Há gente com talento para fazê-lo, mas ainda não há uma prática. E acho fundamental existir crítica séria para acabar com feudos, desmascarar primas donas, revelar novos talentos, mostrar aos agentes de financiamento da cultura que existe um mundo que pulsa nessa área. Mas quem banca um crítico sério e isento? Quem paga por ele? Quem está disposto a um diálogo franco?

Seu livro ‘O Lugar do Escritor’, lançado em 2003, tem um tom de confissão, de segredo. O que ele é pra você?

O lugar do escritor para mim é um lugar que não existe, um lugar imaginário. O lugar da criação é atemporal. Esse livro ainda me surpreende pela forma como ele toca as pessoas. O livro foi muito importante para mim no sentido de me reafirmar que quando investimos seriamente numa narrativa mais subjetiva, pessoal, mais ela se torna abrangente e com capacidade de tocar a sensibilidade do outro. Reportar é trazer à tona mais do que a faculdade do olhar nos permite. Reportar é transpirar, incendiar o leitor com o mesmo fogo que nos consumiu na experiência que tivemos. A verdade dos fatos

está além da objetividade.

O prêmio estreia querendo revelar a pluralidade de culturas e identidades brasileiras. Na sua opinião, o que pode então a fotografia revelar de um país?

Com a internet, a TV a cabo e outras formas de globalização das culturas e do modo de vida e da homogeneização da economia, creio que pensar em limites territoriais passou a ser algo obsoleto, e ainda bem que isso esteja acontecendo assim... Mas acho sim que a fotografia pode revelar muito da quintessência do humano, ativar nossa percepção de forma sensível para perceber o entorno de forma mais eficaz, poética... neste sentido a criação deste prêmio é muito bem vinda... perceber o que essa geração tem a dizer desse mundo cada vez mais novo em que vivemos é por demais sedutor.

Você tem uma relação bem próxima com a fotografia feita aqui no Pará. Como você avalia essa produção?

Gosto muito da diversidade da produção dos fotógrafos de Belém e da forma incisiva que vários deles se aplicam em suas pesquisas por vários anos, como a Paula Sampaio com a Transamazônica, o Guy Veloso com os penitentes, o Alberto Bitar com a fotografia em movimento, o Luiz Braga com sua paleta de cores, a Elza Lima e suas mitologias, o Alexandre Sequeira utilizando a fotografia como ferramenta de aproximação com o universo sensível do outro, além de vários outros que admiro. Para mim Belém é uma fonte de pesquisa sempre muito fecunda além de um lugar imaginário de muito afeto.

E quais os seus planos pra esse ano?

Confesso que no momento o que mais está me estimulando é tomar tacacá debaixo de uma mangueira pelas ruas de Belém.

REALIZAÇÃO

Diário do Pará

Uma empresa da RBA

COLABORAÇÃO



MUSEU UFPA

APOIO



Cada vez mais verde. **E amarela.**

Mestre do desenho com a luz

Miguel Chikaoka ministra a oficina ‘De olhos vendados’ e fala sobre sua carreira e inspirações

Fotógrafo convidado do Prêmio Diário Contemporâneo de Fotografia, Miguel Chikaoka ministra a oficina ‘De olhos vendados’, uma grande reflexão sobre a materialidade e o simbolismo da luz no fazer fotográfico. Ele, que dedicou e ainda dedica a vida ao ensino da fotografia, contribuiu sobremaneira para que Belém fosse projetada como uma das mais importantes referências no contexto da fotografia contemporânea - título que ele faz questão de recusar: “Me incomoda as pessoas dizerem que ‘aprenderam comigo’”.



Miguel é assim mesmo, absurdamente simples. E gentil ao ponto de receber a repórter com um potinho de beijos-de-moça, de dizer que aprende bem mais do que ensina – “embora esta frase seja bem piegas”, a ponto de se desculpar o tempo todo por “falar demais”. Não fossem os nossos outros compromissos, sinceramente, eu o ouviria por uma tarde inteira.

Você veio para Belém em 1980, criou Fotoativa em 1984. Nesse hiato, como era o cenário da fotografia no Pará? O que lhe entusiasmou, lhe moveu a iniciar esse movimento?

Seria incompleto falar de tudo assim rápido, mas

vamos pelo que vem à memória agora: ao chegar em Belém, em 1980, conheci os trabalhos de alguns fotógrafos atuantes: Porfírio da Rocha, Pedro Pinto, Eurico Alencar, Luiz Braga - com a exposição Portfólio na boate Signus - o Wagner Bill no jornalismo, o Dilermando Cabral na publicidade, os “lambe-lambe” do Boulevard Castilhos França e os fotógrafos da praça Batista Campos, Museu Goeldi e Bosque Rodrigues Alves. Cada um no seu canto, na sua competência, não havia muito contato e troca entre eles. Eu vinha de um aprendizado pautado na experiência

coletiva muito intensa e rica, no Photo Club dos residentes universitários de Montbois et Boudonville, em Nancy, na França, onde participei de duas coletivas em que todo o processo se dava com a participação de todos. Aqui, o encontro com a experiência coletiva se deu inicialmente através da Sociedade Paraense dos Direitos Humanos, que congregava todos os movimentos e cidadãos na luta pelo resgate dos direitos sociais e

políticos, onde participei do Núcleo de Imprensa que produzia o Jornal Resistência. Ainda em 80 encontrei o Grupo Agir, coletivo de arte-educadores “anarcoliberalitários” com o projeto Arte na Praça. Nesse lugar ministrei a primeira oficina de fotografia embrião do processo que culminou com a criação do coletivo FotOficina, seguida do grupo Fotopará, antecessores da Fotoativa. Já a inspiração vem dos tempos remotos, do lugar e do ambiente onde nasci e cresci, no Vale do Rio Ribeira, interior de São Paulo, considerada a ‘Amazônia paulista’. Da vida comunitária, lugar onde prevalecia a comunhão e a prática solidária, o aprendizado e o crescimento com o outro.



E o que lhe vem à cabeça quando olha pra trás e pensa na data 14 de agosto de 1984? E quando olha pro hoje - como você avalia o que a Fotoativa construiu ao longo desses 25 anos?

Então, isso pra mim é só uma data. A Fotoativa nasceu bem antes, lá em junho de 1983... essa coisa do aniversário tem uma importância relativa. Nós mesmos já existimos antes mesmo do nosso nascimento, desde o dia em que nossos pais nos conceberam (risos). Vejo a Fotoativa como uma instituição voltada para o desenvolvimento da fotografia na região, que ganhou projeção nacional e até internacional. Isso é uma conquista, mas é só um começo. Enquanto projeto político, no sentido profundo, ela deve se aprimorar exercitando o olhar para si e para o mundo de forma crítica.

Você desenvolveu trabalhos com a Unipop, o Emaús, o Unicef, trabalha a questão ambiental com a Kamara Kó e em paralelo dedica-se ao ensino da fotografia em eventos e seminários Brasil a fora. Você é um artista engajado, sua trajetória é muito marcada pela relação com os movimentos sociais. Sobre tempo para a produção autoral?

Acho que esse envolvimento, esse engajamento é que é a minha produção. Nem sempre isso se materializa como algo que possa ser mostrado. Nos últimos anos, tenho trabalhado muito mais com processos, que resultam também em exposições, mas considero isso um momento de socializar, de refletir sobre a proposta e o processo. O foco não é chegar a um resultado, mas

buscar além. É o que cada um leva da vivência, que é única.

Incomoda falar sobre isso?

Olha, não é que eu tenha perdido o interesse pela produção autoral. Mas meu engajamento, minha reflexão, extrapola a fotografia em si. Isso é minha descoberta, estou tateando tudo ainda. Tenho uma dificuldade pessoal de saber qual é o meu trabalho como fotógrafo. Minha atividade principal hoje – por acaso – é a fotografia. Mas eu poderia ser um jardineiro, um entregador de pizza... o importante é fazer com prazer, é a dedicação, é a entrega. Meu trabalho não é uma imagem congelada, uma obra pendurada na parede. Meu trabalho é um processo.



Você defende a expressão “educar com a luz, para a luz”. Fale um pouco sobre isso.

Na verdade somos todos uma luz efêmera, mas uma luz que está aqui e agora e que, ao se “apagar” vai se transformar, para os que ficam, no que chamamos de morte. Essa ausência de luz é na verdade um outro estado de luz. E acho que temos que aprender isso, com a ausência, devemos aprender a ler e escrever com essa luz. Num mundo onde se produz tantos excessos visuais, não cabe uma alfabetização visual voltada somente para a produção e leitura de imagens. A fotografia é algo que, pela própria natureza do processo, nos propicia um contato mais íntimo com a luz. É simples, é mágico ver a imagem se constituir no interior de uma câmera obscura através de um orifício feito com um espinho. É algo de uma intensidade, de uma potência incrível, algo que se produz pela convergência dos contrários, do claro e do escuro... precisamos estar do outro lado da luz para ver a luz. É como morrer para ver a vida. Há um provérbio zen que diz: “Só encontrará a vida quem a perdeu”. Considero que a percepção e contato com a luz nesse processo é uma oportunidade para expandirmos a leitura da luz para além da matéria. Não é por nada que, em todas as culturas, a luz se faz e desfaz simbolicamente.

Você fala muito em vida, morte, filosofia, espiritualidade. Você segue alguma religião ou doutrina?

Não é bem uma religião. Eu trago uma forte carga de cultura japonesa, além do que vivi com meus pais até a adolescência e eles eram dados ao budismo. Nunca fui fiel à religião, mas recebi isso – atingir o máximo pelo mínimo, a quietude. A gente quer sempre demais, ninguém quer de menos. Mas tudo o que está aqui é passageiro.

Quais referências você destacaria como norteadoras do seu processo de trabalho?

Todas as formas de pulsação.

E o que pulsa mais forte diante dos seus olhos?

(risos) Ah, as coisas que saltam aos olhos são aquelas silenciosas, sem barulho. É um lugar onde se possa expandir, estar em harmonia, mesmo nessa correria que eu vivo, nessa loucura. O estado de contemplação me aguça muito os sentidos. A gente se dilui, é um pulsar profundo. Eu sou muito elétrico, desde menino, meio estabanado (risos). Fico muito feliz quando consigo fazer algo com muita calma, sentindo o processo. Você não precisa fazer a grande foto. O processo, a sensação de estar fazendo aquilo é que interessa.

Fotógrafo convidado do Prêmio Diário Contemporâneo de Fotografia, você ministra a oficina ‘De olhos vendados’. Como funciona a dinâmica do curso?

“De olhos vendados” faz parte desse processo de busca pelo aprimoramento do olhar para além do visível imediato, superficial. O nome é uma grande provocação. De uma certa forma, se formos pensar do ponto de vista do olho, seria um ‘não ver só com os olhos’ ou os sentidos da percepção, é o desdobraimento do que chamei um dia “fotografia sensorial”. Um exercício de revelação dos sentidos da alma, um mergulho pra dentro de si. É estudar a foto enquanto momento. E sabe, gosto de trabalhar com cabda vez menos aparatos. Hoje existem coisas por demais sofisticadas, câmeras de última geração... fico pensando que isso é uma aberração, tanta informática, tanta tecnologia. As pessoas acabam esquecendo as coisas simples. Vou fazer 60 anos e ainda lembro da vida simples que minha mãe levava. Cuidava da horta, andava a cavalo. Era um mundo diferente, né? Outra forma de vida. Hoje a gente quer uma coisa, aperta um botão, e lá está.

Você dedicou e dedica toda uma vida ao ensino da fotografia. Como é o Miguel professor?

Eu sempre fico ansioso, não é uma relação normal, professor-aluno. A descoberta tem que ser contundente pra cada participante. Sei que é piegas dizer isso (risos), mas eu aprendo muito mais do que ensino. Me incomoda as pessoas dizerem que “aprenderam comigo”. Eu posso até ter propiciado aquela experiência, mas é a vivência

da pessoa que ensina, isso é de cada um. É o convívio riquíssimo, a troca... o mérito é de todos, inclusive meu – e não ‘somente’ meu. Posso contar uma coisa engraçada? Uma vez ministrei uma oficina para crianças em Monte Dourado. Construíamos câmeras artesanais e perto do final do processo, perguntei o que faltava para aquele tubinho se transformar em uma câmera. Faltava só fazer o furo com um espinho. Sabe o que eles responderam? “Falta a bateria e o botão”. Eu fiquei arrepiado! Hoje é um desafio pra mim trabalhar as coisas simples.

Tem um poema do Fernando Pessoa que diz “O mundo não se fez para pensarmos nele - pensar é estar doente dos olhos”. O que mais lhe chama atenção, aguça o olhar, em Belém, cidade que você escolheu pra viver?

“ Você não precisa fazer a grande foto. O processo, a sensação de estar fazendo aquilo é que interessa. ”

Acho que essa tensão dos contrários, a harmonia e a desarmonia. Um afago e uma agressão. É uma região linda, maravilhosa, pulsante, desejada, explorada e mal cuidada. Temos esse mal cultural de achar que a culpa é só dos governantes, mas não basta engrossar o coro dos descontentes, dos indignados. Temos que ser mais estratégicos, subversivos, guerrilheiros. A base é a educação, não se muda a cena só reclamando. Sou pela “semeadura”, plantar mais que colher, com mais amor e poesia.

A cor do olhar de Luiz Braga

Fotógrafo ministra oficina e mostra possibilidades de criação artísticas com efeitos de luz



Vendedor de Balões, 1990

Com tonalidades imaginárias em cenários comuns, as cores nas fotografias de Luiz Braga ilustram o que há de mais sutil em seu trabalho: a habilidade de conjugar o ambiente fotografado com o sentimento que nele reside. O caráter vivaz concedido às imagens é uma marca que foi sendo aperfeiçoada depois de muita pesquisa. Como ele mesmo costuma dizer, a aptidão com o manejo das cores foi obtida com o “conhecimento de quem aprendeu a ver o invisível de tanto experimentar”.

Um dos principais coloristas da fotografia brasileira, Luiz Braga ministra a oficina “Margem da Cor”, como parte da programação do Prêmio Diário Contemporâneo de Fotografia, nos próximos dias 08, 09 e 10 de abril. Ele vai realizar atividades centradas na possibilidade da fotografia em cor como forma de expressão artística, fazendo um breve percurso pelo próprio trabalho. Além disso, o fotógrafo vai mostrar como é possível realizar efeitos diversos obtidos por meio da utilização e do conhecimento de diferentes fontes de luz, naturais ou artificiais, e suas temperaturas em situações do cotidiano. Sobre o processo peculiar de colorir, Luiz Braga revela que a cor não é imediatamente percebida no momento

das fotos, mas projetada posteriormente, com a fantasia multicolor do olhar. A seleção da matiz ideal para compor cada imagem se dá conforme a imaginação do autor, de como ele vislumbra a combinação dessas cores. A exemplo, ele cita imagens feitas em Mosqueiro, como “Balões”, de 1990, revelando que é como “olhar para as nuvens e saber que elas se transmutarão para um cinza violeta no resultado final”. Ou mesmo que “os capim-marinhos da praia do Farol explodirão em verde banhados pela luz de vapor de mercúrio que aguardarei acender”, referindo-se à fotografia “Babá Patchouli”, de 1986.

A cor – elemento que no começo de sua carreira fora desprezado, com a produção de fotografias apenas em preto e branco – passou a ser a principal aliada do fotógrafo. O universo idílico representado nas suas imagens, que tem desde cinzas violetas à vermelhos intensos, faz parte de uma relação mútua com o que ele selecionou para ser uma fotografia. “Procuro interferir o mínimo possível nas cenas que fotografo e estabelecer uma ligação mágica com o fotografado, que não pode ser jamais imposta à força”, revela. “Não me atraio por fatos ou situações espetaculosos e sim pelo ordinário que pra-

“Procuro interferir o mínimo possível nas cenas que fotografo e estabelecer uma ligação mágica com o fotografado, que não pode ser jamais imposta à força”

mim é sempre extraordinário”, completa.

Os temas para os seus trabalhos costumam surgir também de atividades corriqueiras, como ver um filme, ler um poema ou ouvir uma música. Os assuntos são tateados por um longo período, quando Luiz fotografa a esmo, “como um cão que tenta encontrar sua caça na paisagem”, compara. E quando a encontra, a “caça” logo se torna um horizonte, dando o direcionamento para futuros projetos. “Muitas fotos feitas nestes momentos são faróis sinalizadores, pontos e pontas que num belo dia ultrapassam o limbo e afloram além dos preconceitos e exigências com que costumo tratar minhas novas crias”, diz.

Mesmo com extensa carreira retratando a região amazônica, permanecer na terra de origem é para Luiz Braga uma fonte de inspiração desafiadora. “Continuo a trabalhar acreditando que esta é uma terra de inspiração e surpresa e que é um privilégio fazer parte da sua magia. Descobrir o novo naquilo que sempre estive diante de mim é o meu eterno desafio”.

Dominik Giusti

Especial para o Caderno
Prêmio Diário Contemporâneo de Fotografia

Menções Honrosas

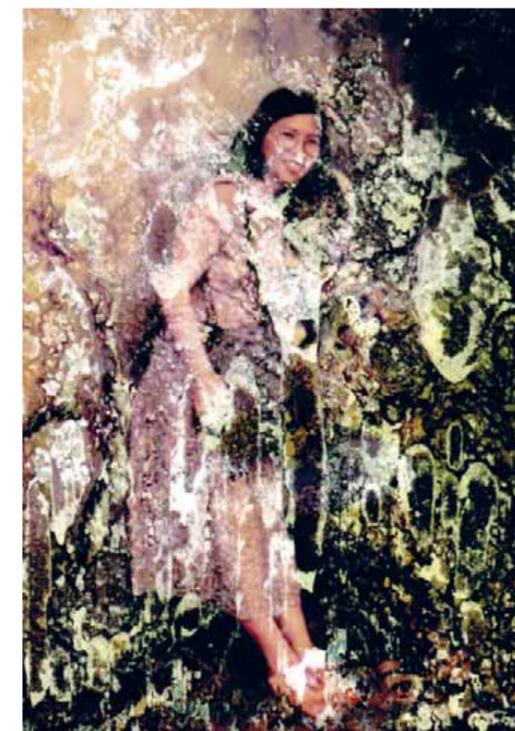


Gina Dinucci (SP) - Anima - instalação/fotografia



Walda Marques (PA) - Série O Passar do Tempo

Felipe Pamplona (PA) - Crono...Pintura
Instalação/fotografia/objeto

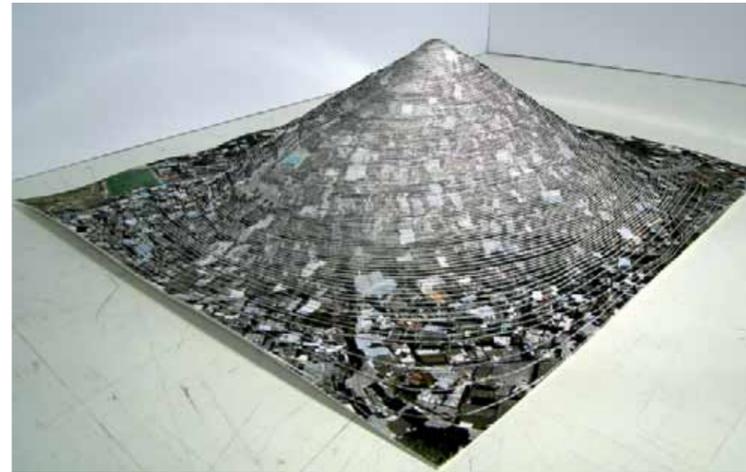


Flávio Araújo (PA) - Head Pixel da série Mil Palavras
pintura sobre pvc



Grupo UMCERTOOLHAR · Celina Kostaschuk, Sinval Garcia, Xica Lima, Germânia Heibe (SP) · *Virado à Paulista* · instalação/fotografia

Yukie Hori (SP) · *Quero ser sugimoto/being sugimoto* · vídeo/instalação



Rodrigo Torres (RJ) · *Fotografia Dimensional - Morro do Dendê* · objeto/fotografia



Eurico Alencar (PA) · *Nhadica*

Flávio Damm (RJ) · *Rio, 2007*



Kenji Arimura (SP) · *Série Índios contemporâneos-Cachorro na porta da igreja*



José Diniz (RJ) · *Inventário Cultural*





Mateus Sá (PE) - Reflexões II
instalação/vídeo/ fotografia

Celso de oliveira Silva (CE) *Brasil sem fronteiras: andar para ver*



João Menna Barreto (RS) - Saturno nos Trópicos

Felipe Pereira Barros (SP) - Arbanella - vídeo



Felipe Pereira Barros (SP) -
98001075056 - vídeo



Carlos Dadoorian (SP) - Sf\Sm
vídeo/fotografia/objeto



Sofia Dellatorre Borges (SP) - Sem título



Flavya Mutran (PA) - There's no place like 127.0.0.1²



Alberto Bitar (PA) - Sobre Distâncias, incômodos e alguma tristeza - vídeo

Eliezer Carvalho (PA) - Cidade Velha - vídeo



Palacete Augusto Montenegro: a casa dos homens de ontem, para os homens de hoje e de amanhã

O Museu da Universidade Federal do Pará, o único museu federal de artes da Amazônia, vem desde 2003 se reestruturando para melhor guardar e avivar a memória de si e do outro. O prédio que abriga esse museu é uma construção do início do século XX, mas precisamente de 1903, conhecido como palacete Augusto Montenegro, sendo projetado pelo arquiteto italiano Felinto Santoro para ser a residência particular do então Governador do Estado do Pará Augusto Montenegro. Construção em alvenaria e ferro de estilo eclético que reflete em sua composição a riqueza e ostentação da Belle Époque paraense dos períodos áureos da extração da borracha na

Amazônia. Projeto e construção encomendados pelo próprio Augusto Montenegro ao arquiteto Santoro, este chefe do Executivo paraense também fazia do palacete seu gabinete de despachos. Montenegro morou no palacete até 1909 decidindo vender a residência e morar com a família na Europa. Até o início dos anos 60 o palacete serviu de residência a famílias de nomes tradicionais na cidade de Belém.

Em 1962, na gestão do então Exmo. Reitor José Rodrigues da Silveira Netto, a Universidade Federal do Pará compra o palacete Augusto Montenegro e instala no prédio sua reitoria. A casa passa por várias modificações internas quando deixa de ser moradia passando a prédio de instituição pública. Neste período, suas pinturas originais começam a desaparecer. Com a construção do Campus Universitário do Guamá a sede da reitoria da UFPA muda-se e, neste mesmo ano de 1983, é instalado o Museu de Arte da UFPA - MUFPA no palacete Augusto Montenegro. Durante um longo período entre os anos 90 e início dos anos 2000 o palacete sofreu inúmeras perdas em sua arquitetura, sendo que neste período o museu já se encontrava em péssimas condições de conservação. Em 2003

o palacete Augusto Montenegro é tombado pelo Governo do Estado do Pará enquanto Patrimônio Histórico e, no mesmo ano, assume enquanto diretora do museu a arquiteta Jussara Derenji.

O projeto das obras de restauração e revitalização do museu começou em julho de 2004 e terminaram em junho de 2009, seguindo as normas internacionais de restauro e tendo como principais objetivos na restauração resgatar ao máximo as características originais artísticas e arquitetônicas do prédio, bem como adaptar suas instalações a formatos museológicos transformando o museu num campo de estudo e de aprendizado. A restauração do Palacete foi baseada nas recomendações da Carta de Veneza proporcionando que a história do prédio fosse novamente relatada, bem como as intervenções sofridas pela casa pudessem manter essas referências. A Carta Patrimonial é um importante documento internacional sobre conservação e restauração de monumentos, prédios e sítios. Este documento defende que as intervenções realizadas procurem contribuir para os remanescentes históricos presentes nas edificações restauradas. Desta forma, a fachada do palacete foi totalmente mantida restabelecendo através de prospecção as cores originais e pinturas do prédio. Portas e janelas foram abertas, esquadrias refeitas, forros restaurados e reintegrados, pinturas decorativas internas encontradas e revitalizadas. Todo esse processo foi realizado preocupando-se com o acesso e fruição do público durante os eventos museológicos no prédio. Atualmente, o novo funcionamento do Museu da Universidade Federal do Pará, consiste em áreas expositivas no primeiro e

segundo andar do prédio, bem como no porão onde abriga sua biblioteca possuindo um vasto acervo bibliográfico de arte, cultura popular, partituras, cartuns, uma hemeroteca, além da coleção Vicente Salles. No primeiro pavimento do prédio foram criadas duas salas dedicadas a Memória da UFPA onde estão exposto livros, comendas, fotos, documentos que contam parte da história da instituição. Hoje, o acervo do Museu da Universidade Federal do Pará é composto por pinturas, desenhos, cartuns, fotografias, gravuras e esculturas dos séculos XIX, XX e XXI, acervo este formado ao longo dos anos por meio de doações, permutas e aquisições. É a partir desses acervos de arte, de seu prédio e seus bens integrados, bem como através de exposições de variados artistas e colecionadores particulares que o museu vem a alguns anos desenvolvendo suas atividades de Arte/Educação procurando estabelecer um diálogo vivo e respeitoso com seus diferentes públicos, levando a estes conhecimentos variados através de oficinas, seminários, palestras, vistas guiadas, multimídias etc.

O projeto de ação sócio-educativa realizado no Museu da Universidade Federal do Pará tem como finalidade contextualizar a partir de uma visão histórica, social e artístico-estética seus acervos de arte e o secular palacete Augusto Montenegro informando sobre sua arquitetura e seus bens integrados, bem como seu entorno no bairro de Nazaré. Neste mais novo desafio, o setor de Arte/Educação do Museu, através das obras de arte da "Mostra Prêmio Diário Contemporâneo de Fotografia", disponibiliza acesso a bens culturais proporcionando conhecimento através de visitas guiadas, leituras de obras de arte, vídeos, oficinas, conversas com artistas, seminários ligados à linguagem fotográfica contemporânea paraense e nacional.

Paulo Souza

Mestrando em Artes/UFPA.

Coordenador do setor de Arte/Educação do MUFPA.



REALIZAÇÃO

Diário do Pará



Uma empresa da RBA

COLABORAÇÃO



**MUSEU
da
UFPA**

APOIO



Cada vez mais verde. E amarela.